

# :: Jornal da ADASA ::



## ■ ■ *Editorial*

### A FRAGILIDADE TAMBÉM É ÚTIL

Caros membros da ADASA:

Todos percebemos como a nossa vida se alterou profundamente nos últimos meses. Vivemos estes tempos de pandemia, a qual nos revelou a fragilidade da nossa vida e das nossas estruturas sociais, económicas e eclesiais. Mostrou-nos a importância da saúde e do cuidado que os mais pobres merecem. Deu-nos conta da necessidade de cuidar da nossa “casa comum”. Neste mundo de eficácia e de técnica, em que tanta coisa que achávamos conseguir dominar, tanto se desmoronou.

Todavia estes tempos, que são sempre tempos de Deus, são o agora da nossa vida e por isso o lugar onde pedimos o “pão-nosso de cada dia”. A fé, longe de apenas os rituais religiosos e de cumprimentos de preceitos, vive da relação com Jesus Cristo que nos ama como somos, na nossa capacidade e na nossa fragilidade. Ele continua presente na nossa vida, de acordo com a frase bíblica: «estarei convosco até ao fim dos tempos» (Mt. 28, 20).

Este tempo de fragilidade, que pode ser uma ocasião de aprofundar a relação com Deus, que é misericórdia, pode ser também um tempo de descobrir na nossa humanidade uma capacidade inaudita de se compadecer pelos que mais precisam. Todos sabemos que vamos viver tempos de crise; a nossa resposta como Igreja não pode deixar de ser “em saída”, como diz o papa Francisco, de estar atentos aos que mais sofrem no corpo e no espírito. A fragilidade, para além de ser uma das nossas condições, é também ocasião para podermos crescer no amor mútuo.

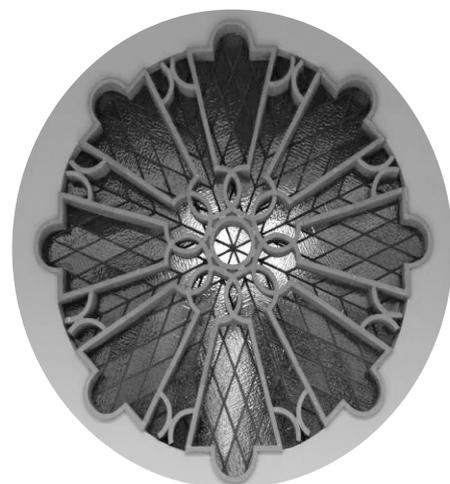
O Seminário de Aveiro, neste ano de exceção, não tem alunos residentes em Aveiro, mas centralizou a

sua acção formativa no Pré-Seminário, acompanhando os rapazes nas paróquias, com encontros “2 ou 3” de duas horas de duração. Em Lisboa estudam três seminaristas maiores; neste momento, aguardamos a ordenação próxima de dois presbíteros, havendo incerteza, por causa da pandemia, da data da ordenação.

Para apoio das nossas actividades normais, que esperamos que retornem ao normal o mais depressa possível, estamos a concluir a construção dos novos balneários na antiga sala dos escuteiros, pelo que agradecemos toda a ajuda que nos possam dar neste sentido. A ADASA, como associação católica e constituída por antigos alunos do Seminário, deve fortalecer esta consciência do amor de Deus que nos ama e ser farol deste amor. O Senhor vem neste Natal à nossa vida; não deixemos de ter o nosso coração alerta para lhe dar espaço em tantos rostos que escondem o rosto de Cristo.

*Pe. João Santos*

Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa  
Vice-Presidente da ADASA



## ■ ■ Pelo Seminário

Por Pe. João Santos (Reitor do Seminário de Aveiro e vice-Presidente da ADASA)

### CONSTRUÇÃO DOS NOVOS BALNEÁRIOS

Os (antigos) balneários do nosso Seminário necessitam urgentemente de ser reformulados. Nesse sentido, a construção de novos balneários é uma das nossas prioridades, neste momento

Todas as ajudas são “ouro sobre azul” no concretizar desta obra.

Pode enviar o seu donativo para o

IBAN PT50 0033 0000 0728 0020 6104 7 .

O Seminário agradece os donativos recebidos.

Se pretender recibo, envie os seus dados para o e-mail:

[geral@seminarioaveiro.org](mailto:geral@seminarioaveiro.org). Muito Obrigado!



## ■ ■ Pela ADASA

Por Mário Paulo Martins

### ÓRGÃOS SOCIAIS DA ADASA (TRIÉNIO 2018-2021)

#### ASSEMBLEIA-GERAL

Victor Machado (Presidente)  
Jorge Adelino Costa (Secretário)  
Manuel José Correia (Secretário)

#### CONSELHO FISCAL

Basílio de Oliveira (Presidente)  
Rolando Leitão (Secretário)  
Manuel Pereira (Secretário)

#### DIREÇÃO

João Figueira (Presidente)  
Reitor do Seminário, Pe. João Santos (Vice-Presidente)  
Carlos Frade (Secretário)  
Mário Duarte (Tesoureiro)  
Timóteo (Vogal)  
Matias (Vogal)  
José Gomes (Vogal)  
Luís Oliveira (Vogal)  
Pe. João Alves (Vogal)

Qualquer contacto, questão ou sugestão pode ser endereçada para o e-mail: [adasa.seminarioaveiro.com](mailto:adasa.seminarioaveiro.com).

#### PAGAMENTO DE QUOTAS

Quem desejar pagar as suas quotas ou fazer donativo de forma pronta e mais fácil, poderá fazê-lo para o NIB da ADASA: **0033 0000 0728 0464 8879 3**. Muito Obrigado!

## ■ ■ O Seminário numa Diocese

Por Monsenhor João Gonçalves Gaspar

Nestas linhas, não vou pensar por mim. Tendo vivido de 01 a 08 de Novembro a “Semana dos Seminários”, limito-me apenas a transcrever três citações dos nossos Bispos.

1.ª – De D. João Evangelista de Lima Vidal (Esplendores do Sacerdócio): «O Seminário tem qualquer coisa de grave e de majestoso, de divino, que surpreende ao primeiro encontro os atrasos da alma, que nos transporta acima das nossas tentações e dos nossos defeitos; os pulmões sentem-se bem com o ar puro e tranquilo que se respira dentro dos seus muros; a voz amável dos superiores, o exemplo dos bons companheiros, sobretudo as inspirações secretas da graça, completarão depressa o seu trabalho. [...] É um retiro espiritual que dura uns poucos de anos a fio; é o curso universitário das virtudes sacerdotais. [...] O Seminário é o coração de uma Diocese, e o coração todos sabem que é o grande órgão da vida».

2.ª – De D. António Manuel Moiteiro Ramos (Mensagem para a última Semana dos Seminários): «Caros diocesanos, uma das principais preocupações da vida das nossas comunidades deve ser esta: Sem pastores não é possível responder aos desafios que a nossa sociedade exige no anúncio do Evangelho. Precisamos de jovens disponíveis para aceitar os desafios de Deus e para serem porta-voz desses desafios no mundo. Estejamos, pois, atentos a incentivar e animar todos os que Deus chama».

3.ª – A última também saiu do coração e da pena de D. João Evangelista (Correio do Vouga, 17-03-1951), na qual se pode observar a grande generosidade dos nossos diocesanos em favor da construção do edifício do Seminário de S.ta Joana Princesa: «De quem é o Seminário? De quem é ele, assim, senão de todos? Ó peixeira, vai ver nele a sardinha que tu lhe deste! Ó costureirinha, vai ver nele a ponta da tua agulha! Ó garoto, vai ver nele o tostão que tu achaste! Ó banqueiro, vai ver nele o volume das tuas notas! Ó Ministro das Obras Públicas, vai ver nele os braços do desemprego, vai ver nele o pão dos teus operários! Eu digo: o Seminário, assim, feito aos bocadinhos por todos, será daqui a pouco a menina dos olhos da própria Nação Lusitana!»



## ■ ■ Recordar é Viver (I)

Por Pe. Manuel Armando

### ALEIJOU MAIS QUE UMA BOFETADA

Quem passou alguns anos no Seminário, encontra sempre pormenores, impossíveis de fugirem da memória porque, registados de modo indelével e que tanto nos tocaram, trouxeram para a vida um traquejo e orientação, nos diversos planos do nosso dia-a-dia, hoje.

Ninguém nos incentivou a escrever um diário pessoal pois, se acaso, alguém o tivesse sugerido, quantos factos reais poderiam ser narrados, ajudando com outra cor e sentido a nossa vida, em todo o estado e lugar.



Muitos episódios dos tempos de antigamente foram, com certeza, alicerces na modelação e solidez de personalidades adultas. Lembro, a propósito, a exigência de quem nos educava nos valores, em relação ao zelo da nossa roupa e calçado, à higiene pessoal corporal, ao asseio e ordenamento do nosso quarto e livros, ao cumprimento das regras e horários, ao porte singular e de atenção aos outros, ao espírito de respeito para com superiores e colegas e milhentas outras coisas e atitudes que todos ainda recordaremos, de verdade. Na altura, éramos capazes de exibir cara de poucos amigos e remorder, entre dentes, um desassombro vaidoso. Nas nossas idades actuais, porém, mastigamos a saudade desses anos, enquanto nutrimos o nosso agir com aquilo que aprendemos e ficou registado no disco rígido deste computador – o mais bem construído em toda a sociedade – que é o subconsciente humano.

O que me proponho contar, pretendo que seja homenagem insofismável e sincera a quem, outrora, sempre estava à nossa beira, mesmo com alguns beliscões de que não gostávamos. Desde pequenitos, cada dia ou semana, eram escalados os encarregados de, na Copa, recolher os tabuleiros com a merenda dos alunos e trazê-los até ao recinto de recreio, onde todos, fazendo fila ordeira, pegavam o que lhes cabia por direito. Não sou muito apaixonado – nunca fui – por doces, mas, pelo chocolate, sou um doido – e que Deus me perdoe.

Ora, num determinado dia, estando eu de serviço, o pãozinho do lanche trazia, dentro, um naco de chocolate. Como não chegara a hora do “ataque” e eu me julgava “sozinho”, esvaziei um dos pães e “compus” o meu com duas doses que imediatamente asilei no bolso daquela bata de ganga que envergávamos. É evidente que um “pobre” colega iria recolher o seu pão vazio. Ninguém estranho descortinara por perto, quando me “abasteci”. Mas, na verdade, um “anjo” viu tudo e silenciou, esperando a vez do condenado ao pão seco. Vendo a cara desapontada desse meu companheiro, abeirou-se e perguntou-me: «Se tivesses sido tu a experimentar esta situação, ficavas bem?» «Não», respondi eu, já muito envergonhado e ruborizado. Voltou: «Então dás o pão, que escondeste no bolso, ao teu amigo e tu, hoje, nada comes».

Rasgou-se a cara do colega num sorriso alargado na contemplação daquele maná reforçado e eu trouxe para a vida a lição, nunca esquecida, mais pesada que uma bofetada que tivesse levado naquele minuto.

Na realidade, sempre evoco na vida: - a cada um, aquilo a que tem direito, por justiça e merecimento.

- Obrigado, Padre Manuel Rei, e que o Senhor Deus, com Quem vive, lhe pague o quanto me ensinou e, em tempo nenhum, deixe de lembrar.

## ■ ■ Recordar é Viver (II)

Por António Sousa

### MONSENHOR ANÍBAL RAMOS

Foi com surpresa que, quase em simultâneo, num espaço de poucos dias, recebi dois convites: um do presidente da ADASA, para escrever neste nosso jornal, outro do padre Georgino para dar o meu testemunho para a revista “Igreja Aveirense” sobre esse grande Bunheirense que foi o Monsenhor Aníbal Ramos.

Senti-me, em primeiras reacções, sem assunto relevante ou interessante para o primeiro e sem atributos para o segundo, mas não fechei portas. E eis que, assim de repente, a figura imponente e ao mesmo tempo tão próxima e afável, do monsenhor Aníbal, o seu acutilante olhar sobre as coisas e a elevação que punha em qualquer contacto, me despertaram e tive uma forte sensação de que lhe devia, com muita simplicidade, este preito de gratidão.

Recordo, andaria eu pelos meus 16 anos, ter um dia recebido recado de que o reitor queria falar comigo, que me aguardava nos seus aposentos. Não era habitual sermos chamados ao reitor; coisa boa não seria pensei, a apreensão foi súbita.

De coração bem apertado bati, ao de leve, à porta do seu quarto e logo surgiu o cumprimento “Olá, patrício!” (era assim que ele gostava de tratar qualquer conterrâneo), “Então como estás?” Já não sei o que respondi, mas devo ter pensado que estaria bem melhor se não estivesse ali naquele momento. Sentámo-nos, e o meu olhar, porventura buscando alguma âncora, fixou-se momentaneamente num oratório, daqueles que antigamente tinham as casas do Bunheiro, na Sala do Senhor, a sala onde se recebia a Visita Pascal e onde se velavam os defuntos da família. Foi o suficiente para ele se levantar e convidar-me a uma pequena visita pelas várias peças de arte, quase todas, senão mesmo todas, de carácter religioso, que por lá abundavam. E foi-me falando sobre elas, destruindo a minha apreensão e cativando-me para um encontro que ele queria pessoal e amigo. Que bom recordar ao fim de tantos anos este saber estar, saber acolher, saber confiar.

Já num clima mais sereno, disse-me que o motivo de me ter chamado era um pedido dos meus pais, seus patrícios e contemporâneos. Tinham-lhe pedido para ter uma conversa comigo para saberem se eu estava seguro de querer continuar no seminário, pois, se assim não fosse, queriam fazer-me ir ter com eles para o estrangeiro, pois eram emigrantes; tinham receio de eu poder de ir para a guerra do ultramar, como aliás veio a acontecer.

E falou-me do amor dos meus pais e do respeito que teriam pela minha decisão e de que ele estava ali a fazer apenas de elo nesta ligação que o mar tornava tão distante.

Despediu-se de mim, depois de ouvir que desejava continuar no seminário, sem sermão, nem outros considerandos e com a mesma simpatia de sempre.

Se hoje recordo este facto, que, aparentemente, nada tem de extraordinário, é porque terá sido o momento em que “mais próximo” estive dele; e, sei-o bem, esta proximidade sabia-a ele fazer com uma mestria que só os grandes homens possuem; não é fácil fazer de pai e de mãe e, sobretudo, fazê-lo com todo o afecto.

- Obrigado Monsenhor!



## ■ ■ Recordar é Viver (III)

Por Norberto Costa

### RELEMBRANDO O SEMINÁRIO E OS COLEGAS

Pediram-me um pequeno testemunho para o Jornal da ADASA. Como antigo aluno, não podia recusar tão honroso convite. Por isso, nesta tarde soalheira de 10 de Novembro, ao ver o pátio cobrir-se das folhas de Outono que vão caindo das árvores, pintando uma aguarela de nostalgia, pergunto-me: aos 71 anos, olhando-me para trás, o caminho percorrido, a irreversibilidade do tempo, a nossa insignificância perante o Universo, será que valeu a pena? Ou, como dizia alguém, será que no fim só nos resta “olhar para trás que dá conta do nada”?



Que testemunho posso eu dar àquele menino que, em 1959, entrou no Seminário de Aveiro, pela mão de sua mãe, com os olhos alongados ao infinito das suas interrogações, dos seus medos, das suas esperanças? Dizer-lhe que, sem dúvida, tem valido a pena viver, embora, por vezes, mais nos interstícios da angústia e da felicidade. Para isso, têm sido fundamentais os valores e princípios que o Seminário e a família incutiram àquela criança e que a transformaram na pessoa que sou hoje.

Mas ficou sempre uma mágoa que não posso deixar de referir à distância em que escrevo. É que essa criança sentiu muito que o mundo que, então, lhe ensinaram fosse tão centrado no “vale de lágrimas”, e não como um espaço aberto ao exercício da alegria, já que Deus criou-nos para sermos felizes, lembrado, tantas vezes, pelo Papa Francisco.



Sempre que posso, quando vou a Aveiro, procuro ir ao Seminário percorrê-lo devagar, surpreender-me nos recantos em que brinquei, nas salas onde estudei, rezei, e, também sofri, e onde me cresceram algumas das raízes que me suportam a vida. Só quando me é de todo impossível não vou ao encontro anual dos antigos alunos, promovidos pela ADASA. Tenho necessidade dessa revisitação para o meu equilíbrio. Os meus Colegas de curso, uns mais dos que outros, como é evidente, fizeram parte da minha aprendizagem e crescimento e alguns deles permanecem, ainda hoje, como fiéis e queridos amigos.

Neste tempo de confinamento devido à pandemia, como eu gostava de lhes dar fisicamente um abraço cheio de solidariedade e calor humano. Como tal não é possível, e o Natal se aproxima, vai, para todos vós, este meu desejo expresso através deste arrazoado de palavras.

## ■ ■ Recordar é Viver (IV)

Por Paulo Sérgio Margarido Ferreira  
(Seminarista entre 1986 e 1991)

### MEMÓRIAS DO SEMINÁRIO

Lembro-me de que, num dos anos iniciais, o saudoso Padre Arménio Alves da Costa Júnior abriu umas inscrições para quem quisesse aprender a tocar piano. O Padre Arménio costumava dizer que, para se ser um bom organista (e no Seminário havia o imponente órgão de tubos de madeira da igreja, alimentado por uma enorme caixa que lhe fornecia o ar), era melhor começar pelo piano, pois dava mais músculo e destreza aos dedos. De ver os outros a tocar piano, estava eu convencido de que aprenderia sem grande esforço e por isso me inscrevi. Como só havia, salvo erro, três pianos para tantos aspirantes a pianistas, o Padre Arménio organizou uma escala em que cada aluno praticaria durante meia ou uma hora cada dia da semana ou em alguns dias da semana apenas. Quando as minhas meias-horas ou horas coincidiam com o horário de estudo, eu ainda tentava aprender a tocar as partituras muito simples que nos eram disponibilizadas, mas, quando coincidiam com o recreio, não punha lá os pés. O resultado foi que alguns já andavam na folha vinte e tal, e eu não conseguia ir além das folhas iniciais. Desanimei e fui falar com o Padre Arménio, para lhe dizer que desistia das aulas, pois não tinha jeito para aprender piano. O Padre Arménio observou que, para aprender alguma coisa na vida, são necessários 10% de inspiração e 90% de transpiração. Eu bem transpirava... mas era a jogar futebol.



Do padre Arménio, ainda me lembro da capacidade argumentativa, da clareza do seu raciocínio e do seu requintado conhecimento e gosto musicais. Recordo a generosidade e a disponibilidade do Padre José Camões, que articulava oportunos “bigodes” (reprimendas) com bons conselhos, a cuidada e sabedora assistência aos alunos na doença com um magnífico ensino do grego; o Padre José Henrique, que nos levou numa memorável viagem aos Algarve e um magnífico professor de latim; o Padre Rocha, que me parecia um excelente diretor de turma (embora acompanhasse mais os alunos mais velhos); o Padre Luís Barbosa, um apreciador de boa música e um dedicado cronista do Correio do Vouga.

Pediram-me um breve testemunho, e não seria justo esquecer os bons conselhos dos diretores espirituais, a generosidade das irmãs e das ajudantes que zelavam discretamente para que nos não faltasse nada, os excelentes e generosos professores e os colegas – alguns com muita maturidade – que muito fizeram por mim. A todos manifesto o meu profundo reconhecimento.



Por Pe. João Alves

### A ESPIRITUALIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Parece que vivemos o Tempo suspenso. Ao olhar para a vida que vivemos, mais confinada e, ao mesmo tempo, mais desgastada, há um misto de angústia entre os dias que passam. Os números de infetados e mortos aumentam, a solução parece ser um vislumbre de esperança coletiva e uma certeza de um esforço comum e longo para não deixar ninguém para trás. Olhamos também para a vida que levávamos e até parece que éramos felizes, tudo corria bem, ou pelo menos melhor, e sentimos saudade desse tempo que já começa a parecer distante. O que fica na alma entre o tempo que passa?

A fé tornou-se hoje mais decisiva e a espiritualidade que a alimenta uma dimensão da vida que pode correr o risco de poucos a alcançarem. Quanto não terá ajudado a viver o isolamento e confinamento imposto? Sempre podemos descobrir este período de maior solidão como aquele espaço pessoal e tempo disponível para preencher de sentido e significado. O risco será fazer coisas, não pensar, fazer dispersar a memória e a mente para as recordações de felicidades passadas, contudo, esta forma inesperada de vivermos o Tempo no presente pode dar-nos a capacidade de compreender o valor do que se faz e do que se tem, entre a fragilidade da vida e a possibilidade de continuar a olhar para o futuro. Quem conseguir ler profunda e espiritualmente este Tempo, descobrirá uma forma e um meio de transformação pessoal que o fará ser diferente, talvez cuidando mais a criação, o outro e a própria vida; quem viver este período na solidão, na incapacidade de reler o sentido da própria existência, poderá não ir além daquela atitude primária de quem volta à prepotências das agendas, à escravidão das reuniões, aos horários indisciplinados e velozes, à displicência com a família e à arrogância sobre o ambiente e a Criação.

Viver a partir da fé faz olhar para a crise presente sem fugir dela. Talvez possamos aprender a estar na própria dor e na dor dos outros sem fugir. É um amigo doente, um familiar que partiu, um jovem desesperado...mas cada um com a sua cruz, a sua dor. Viver a própria dor como caminho de Páscoa será uma aprendizagem difícil, mas testemunhada por tantos que o viveram neste tempo. Viver o sofrimento dos outros sem fugir só pode ser merecedor de uma sociedade que se comprometa ainda mais por uma cultura da vida. Talvez a dor e sofrimento nos façam descobrir a beleza da palavra 'cuidar'. Biblicamente o amor de Deus é compassivo, capaz de entrar no sofrimento entranhado no outro, abraçando-o. Dizem que crises são também novas oportunidades. Pelo menos trazem novas opções de vida a partir da capacidade de ajuizarmos sobre ela. 'Discernimento' e 'escolha' entram no nosso novo léxico humano e espiritual, sejam nas decisões meramente práticas, mas também nas orientações mais profundas que poderemos empreender. Talvez seja por aí a novidade que a espiritualidade poderá trazer neste tempo: habitar o Tempo presente, moldando o coração para empreender uma novidade-de-mim-mesmo. Não podemos querer que a pandemia passe depressa para voltarmos à nossa vida anterior quando essa tem que se transformar. Que mundo, que família, que sociedade, que Igreja somos chamados a empreender desde já? Temo que ainda não tenhamos vivido a pandemia de tal forma que nos faça olhar profundamente para a vida ao ponto de não desejar mais voltar ao 'antigamente'. Um tempo novo deve surgir, já o vê? A espiritualidade permite ver um rebento novo onde muitos veem apenas cinzas. Se não cuidamos dessa forma de ver, não deixaremos de ser cinzas que se espalharão em novas tempestades.



## Memória Agradecida

Por Pe. Georgino Rocha

Os testes que tive de fazer por causa do covid 19 acirraram o desvio do septo do meu nariz, complicando a entrada da zaragatona e a verificação da laringe. E deixaram-me um incômodo que ainda perdura.

Esta ocorrência fez-me avivar o tempo de Seminário em que jogava à bola e as cotoveladas que apanhei de vários colegas, sobretudo do João Dias e do Padre Valdemar. Eram os tempos de filosofia e o nosso reitor, o Monsenhor Aníbal Ramos que, uma das vezes, me fez várias admoestações e conselhos.

Evoco, hoje, a sua memória com emoção, referindo dois momentos cruciais que me envolvem, também. O primeiro, tem a ver com a participação num curso breve de “personalidade e relações humanas”, orientado por uma equipa sediada em Cascais, mas de procedência madrilena. Como o título indicia, os participantes são convidados a mergulhar no seu eu mais profundo e a percorrer as diversas zonas da sua personalidade e sua repercussão no relacionamento interpessoal e em grupo. Sem atender à roupagem social, aos títulos e funções. O ambiente facilitava a introspeção que, normalmente, era provocada por breves palestras e exercícios e acompanhada ora de música suave, ora de oração espontânea e orientada, seguida de partilha voluntária.



Aníbal Ramos experienciou tão intensamente este encontro que modificou o seu modo de estar e de se relacionar: proximidade mais familiar e afectuosa, simplicidade de presença e estilo de vida, e outras atitudes expressivas. O contraste com o seu anterior modo de ser e de proceder era notório.

O segundo momento crucial foi a sua ida ao Brasil em visita familiar e trabalho pastoral. Destaco apenas dois episódios marcantes: a doença que o atacou e levou à morte, e a evocação agradecida e emocionante feita no XX Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, na sessão de encerramento, a 29 de Julho de 1994. Monsenhor Aníbal havia sido o grande obreiro na sua organização e preparação.

Sobre a doença, passo o relato para a Irmã Marília Gonçalves que solícitamente o acompanhou após a manifestação dos primeiros sintomas e teve acesso às anotações, que o Monsenhor como sempre costumava fazer, constituíam um autêntico diário. O relato foi apresentado no referido encontro nacional e publicado no boletim de Pastoral Litúrgica, em Setembro: “pelo almoço, realizado «em clima de tranquilidade, recolheu-se para algum repouso. Quando o chamaram para continuar o passeio, Monsenhor não estava bem. Tinha-se sentido mal, com suores frios, aperto no peito e falta de forças»... Chamada “a equipa médica constatou uma «angina e insuficiência coronária aguda», pelo que foi hospitalizado na Unidade de Tratamento Intensivo... O enfarte, segundo a avaliação médica, “ocupara uma extensa área e a insuficiência cardíaca inspirava cuidados”... “Na quinta-feira, dia 11, pedi que avisassem o seu irmão Adriano e pediu o sacramento da Unção dos Enfermos. Disse ao sacerdote: «Vou aproveitar. Não sei o que vem pela frente». “Confessou-se, recebeu a Comunhão, a Unção dos Enfermos e acompanhou as orações respondendo em voz alta e com muita paz e tranquilidade”. Pelas 16 horas do mesmo dia disse à irmã Marília: “De manhã estive preocupado, senti uma dorzinha no peito. Falei à cardiologista e agora estou melhor. Vamos adiar os nossos passeios”. Na madrugada do dia 12 de Agosto (01h e 30 min.) enquanto dormia, o Monsenhor teve uma paragem cardíaca (que lhe trouxe a morte).

Acolhi a urna com os seus restos mortais na companhia de Dom Júlio Rebimbas, arcebispo do Porto, na igreja do Bunheiro, donde era natural e onde veio a ser sepultado. Presidiu à celebração o bispo de Aveiro, Dom António Marcelino e concelebrou Dom Manuel de Almeida Trindade e muitos sacerdotes e diáconos.

“Memória agradecida” deixa-nos a última sábia exortação de Monsenhor Aníbal Ramos: adiar “passeios” a fim de ter tempo para preparar a “grande viagem” para a eternidade.

## Poemando

Por Eduardo de Almeida Farias (Pelotas, RS-Brasil)

### VELHA JANELA

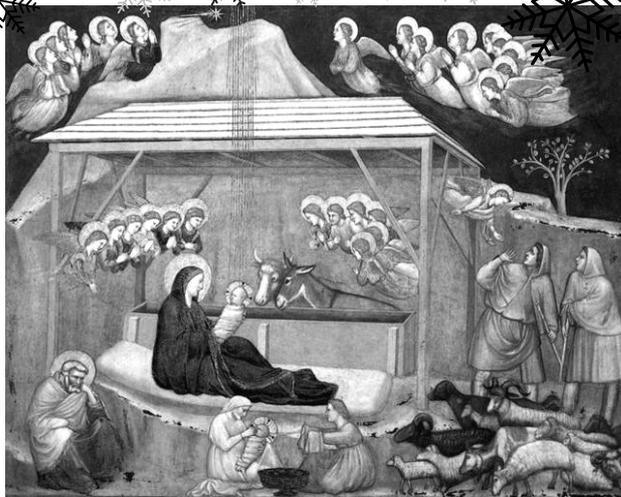
Da minha velha janela  
Contemplo o campo verdejante;  
E lá ao fundo o rio que lá vai cantante,  
E um tantinho acima,  
O outeiro da Almoíña;  
Depois a perder de vista  
Alteia-se a serra majestática e bela,  
E todos sorriem pra minha janela.

Da minha janela ouço as cantigas  
Das lavadeiras lá no rio  
Que sobem suavemente, devagarinho,  
Como os passos de uma mãe  
Para não acordar o seu menino.

Da minha janela tão antiga  
Ouço o melro a me provocar,  
Lá do seu púlpito no outeiro  
Com o papo a arrebentar  
De cerejas, o ladrão;  
Pois sabe que aquele manjar  
Não é pra meu bico  
Porque altas elas estão  
E eu não as posso alcançar.

Mal eu não lhe desejava,  
Pois ele de graça me cantava  
Melodias tão belas  
E, eu gostava tanto delas!  
Que só por isso ele tinha o meu perdão.

Ah, Beethoven, Beethoven,  
Que outras belas melodias  
Tu nos poderias ter legado,  
Se tivesses escutado  
Ainda que por um breve instante  
Aquele melro de inefável canto,  
Que comia da fruta proibida  
E não cometia nenhum pecado.



A Direção da ADASA agradece, publicamente, a cada um dos autores os textos enviados e aqui publicados. A todos os Antigos Alunos dos Seminários de Aveiro e Familiares um **Santo Natal** e um **Feliz Ano Novo 2021**, com esperança de prosperidade e saúde!